

31761 07046985 3

PORFIA

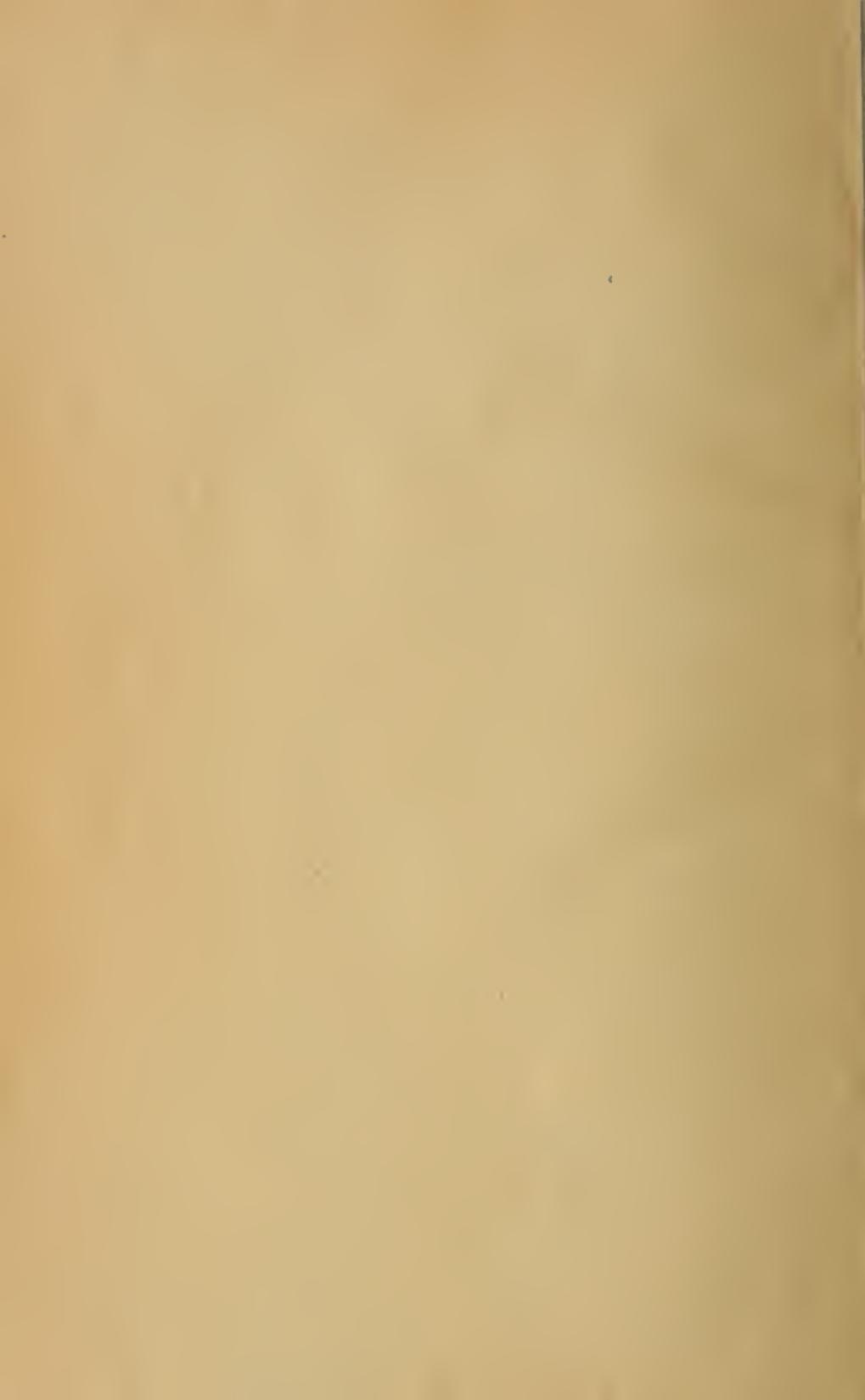
NO

SERÃO

PQ
9261
P46 P6











ALBERTO PIMENTEL

PORFIA NO SERÃO

POEMATO

...havia entre todos muitos exercícios
de alegria costumados dos pastores, como
erão musicas em porfia, duvidas amoro-
sas, bailes, e luctas de terreiro...

RODRIGUES LOBO—*Primavera.*



TYPOGRAPHIA
'PEREIRA DA SILVA
Praça de Santa Thereza, 63

Porto, — 1870



PQ
9261
P46 PG

A QUEM LÈR

NÃO se enreda em caprichosos labyrinthos de phantasia a trama d'este poema. O author poz mira em contar singelamente a historia d'uma porfia de camponezes suscitada no serão. Ludovina, a bailadeira gentil, defende os cabellos negros. Duarte, o namorado d'uma rapariga loira, sae a campo pelas tranças doiradas. Ricardo, o scismador melancolico, é destinado para ser juiz n'este pleito de galanteria. São proprias de pastores estas porfias. Creio que ninguem o negará, tendo seroad o aldea, em noites de luar saudoso. Os que não gostam do campo, hão de conhecer estas brigas pastoris das chronicas bucolicas de poetas portuguezes. A *Primavera*, de Rodrigues Lobo, é uma prova sufficiente do que levo dito. Isto pelo que diz respeito ao assumpto.

O que eu, porém, muito desejo é que a publicação d'este poema não vá despertar as iras de ninguem. Não me quero mal-avindo com as loiras nem com quem seja por ellas. Acode-me agora á lembrança o que o visconde d'Almeida Garrett escreveu n'uma nota ao *Retrato de Venus*. A maxima parte dos poetas antigos deu cabellos loiros á deusa da formosura. Camões diz, referindo-se a Venus, no canto segundo dos *Lusiadas*:

Os crespos fios d'ouro se esparziam
Pelo collo, que a neve escurecia.

O visconde d'Ahneida Garrett, sem embargo do que escreveu Camões e muitos outros, retratando a mesma divindade, diz assim:

Ondeiam n'alva frente as tranças d'ebano

e põe em nota a este verso as seguintes palavras: «Os cabellos e olhos pretos eram os mais estimados dos Romanos. *Nigra oculis, nigraque capillis*: HORAT. — Se é mau gosto, confesso que o tenho. Quem amar mais os louros, não tem senão dizer:

Ondeiam n'alva frente as tranças d'ouro.

Assim, eu e o leitor ficamos ambos satisfeitos».

Seguindo o exemplo de Garrett, direi também: Cantei os cabellos negros, o que me não priva d'acatar quem sahir com o panegyrico dos loiros.

Posto isto, pouco direi com referencia á forma quasi dramatica em que vai escripto o poema. Os dialogos frequentes, as apostrophes, as vozes, de differentes pessoas, articuladas simultaneamente, os monologos, tudo isto me levou a fazer um auto pastoril, seu pretendentes a outra coisa. E depois não serão escriptas em verdadeira forma dramatica as eglogas de Bernardim Ribeiro e Rodrigues Lobo? Antes cahir em peccadilho litterario, se aqui o ha, que adulterar a verdade.

Aquella minha vizinha
Dos caracóes aloirados
Parece uma ventoinha,
Pósta a contar namorados.
Os rapazes d'estes sítios
Disputam-lhe o coração.
Não os sigo eu; imite-os
Quem se sentir *Dom João*.

Outra vizinha,—uma fada
De tranças negras, lustrosas,
Também anda namorada,
Mas vence as mais cuidadosas
N'aquella immensa fadiga
Que põe na sua costura.
Quem levar a rapariga
Leva comsigo a ventura.

Como as tenho contemplado!
Esta, talvez a mais bella,
Sempre a cuidar do bordado
E a loira posta á janella!
Uma alegre e descuidosa;
Outra triste e pensativa.
Uma semelhante á rosa;
Outra igual á sensitiva.

Moças de negros cabellos
E de languida belleza,
Os vossos olhos são bellos
Com esse olhar de tristeza.
Sois como o lirio mimosas
—E o lirio é tão linda flor!—
Moças de tranças lustrosas,
Ouvi, que eu canto d'amor.

I

CAPRICHOS DE NAMORADOS

Ou foi opinião ou foi porfia.

CAMÕES—*Lus.—Canto VI*

Serões na *quinta dos olmos*
São uns serões de mão cheia.
Rapazes e raparigas,
Moços e moças d'aldea,
E' descansar das fadigas,
E' divertir e bailar,
Em quanto dura o luar.

. Sempre é solar de morgados !
. Sabem os nobres senhores
Dar festas aos namorados,
Que indoideceram d'amores.
Que serões tão bem passados !
Eia, a cantar, cantadores !

Ludóvina, a d'olhos negros,
A graciosa trigueira,
Fica a scismar assentada
Tão triste e tão feiticeira !
E não quer bailar na·dança
—Ella, a gentil bailadeira !—
Porque o serão vai no meio
E o moço em quem poz esp'rança
Ficou por longe e não veio.

Tu, Duarte, namorado,
Tens igual melancolia,
Porque não vês ao teu lado
A Guida, loira formosa,
Que dá nome á freguezia.
Não improvisas cantigas,
Meu grande improvisador !
Ha no serão raparigas,
Mas não vês o teu amor ·
E não cantas, cantador !

Vai fallar com Ludovina.
Misturai vossos queixumes,
Juntai os vossos tormentos,

Desafogai azedumes
Em duleissimos lamentos.
Faltam os vossos amores?
Tendes ambos iguaes dores....

LUDOVINA

Olá Duarte, não posso
Cuidar que tens alegria!
Vejo-te cego e sem moço...
Faz um luar como dia
E não achas quem procura...
Andas por 'hi ás escuras!

DUARTE

Também tu, minha trigueira,
Ou tens os olhos fechados
E não vês a quem te falta
Ou andas a lua tão alta
Que mal allumia a terra
E faz com que os namorados,
Perdidos na escuridão,
Errem o trilho da serra:
E cheguem tarde ao serão.

LUDOVINA, com manifesta ironia.

Mais pasmo eu de que falte
Quem tem o cabello loiro...
Que enfim o brilho das tranças
Dá luz; é sol e é oiro...
Póde até servir de guia,
Na cerração do caminho,
A quem se perdeu sosinho...

DUARTE, no mesmo tom ironico.

Tambem isso a mim me admira!
Que sempre os cabellos pretos
São da eôr da tempestade
E augmentam a escuridade...
Mas os cabellos doirados!
Esses dão luz e.... de mais!
Pois sendo bem penteados!
Não ha cabellos iguaes...

LUDOVINA, que começa a despeitar-se.

Ih! Jesus! a trança negra!
Não ha trança mais de gosto
Para enfeitar qualquer rosto...

Toda a côn lhe fica bem !
Repara tu na morgada...
Que lindas tranças que tem !
Eu, de mim... não digo nada
Nem d'outras muitas tambem.
Olha Anninhas, a morena,
A quem chamam=*sol d'estio*,=
Josefina, a tecedeira
E a flor das moças do rio
Leonor, a lavadeira
Tão bonita...

DUARTE, atalhando-a.

Basta, basta.
Repara tu, andorinha,
Que todo o tempo se gasta
Com tão longa ladainha.
Cabellos pretos não faltam !
O loiro sim, que é mais raro...
E o que menos apparece
Bem sabes tu que é mais caro...

(Ouvem-se paessos no interior do arvoredo proximo).

LUDOVINA, sobresaltada, como que esperando
ainda o seu pastor

Ouvés?

DUARTE: com intenção.

Será?....

LUDOVINA, com tristeza

Não parece...

DUARTE:

Vai-lhe perdendo as esp'ranças,
Minha trigueira ladinha...
E' jejuar, Ludovina..
Também se viesse agora...
Emfim o mocho anda tardo,
Quando lhe convém a hora...

(Sente-se mais proximo o rumor dos passos e Duarte e Ludovina
fitam olhos curiosos na entrada do arvoredo.)

LUDOVINA, com admiração

Ah! Olha...

DUARTE

O senhor Ricardo!

Vem vêr como vão as danças,
Elle, que sempre anda triste!
Nem eu sei como resiste
O pobre d'aquelle homem
A's tristezas que o consomem
E que não diz a ninguem...

LUDOVINA, interrompendo Duarte.

Aproxima-se. Ahi vem.

(Comprimentando Ricardo).

Senhor Ricardo, bemvindo,
Em boa hora chegais.
Que nem sempre a paciencia,
Muita que seja, é de mais!
Que teimoso este Duarte!
Mas não me vence na teima...
Por mais que diga e rediga,
Perde o trabalho e a freima

Com que defende as cachopas
De tranças loiras, *doiradas...*

(Com ironia)

DUARTE, atalhando-a.

Que são as mais requestadas...

LUDOVINA

Bem sei eu porque as requestam.
As outras são como as uvas,
Quando estão altas, não prestam...

DUARTE .

Defendo as loiras...

LUDOVINA

Defende.
Deves fazel-o; é de lei.

LUDOVINA a RICARDO

E vós, Senhor?

RICARDO

Ludovina !

LUDOVINA

Senhor, eu peço, dizei...

MARTYRIOS OBSCUROS

E' por ventura algum desgraçado,
que procura o repouso na morte.

A. HERCULANO—*Eurico*

Sabeis vós quem é Ricardo?
Um romeiro, um peregrino,
Sob a influencia maldicta
De negregado destino.
E' quasi o israelita :
Tem o mundo todo aberto
E não encontra paragem !
Sempre errante no deserto !
Sempre em meio da romagem !

E' rico e abre á pobresa
Os thesoiros valiosos
De tão modesta grandeza.
Onde vir olhos chorosos
E orphandade sem abrigo,
Entra, allivía, consola...

Parece ser um mendigo
E, em vez de pedir esmola,
Leva fartura á pobresa,
Leva conforto á velhice !
Todos pasmam da *surpresa,
Mas quem elle é... ninguem disse !

Tem andado, andado, andado
Com o infernal desespero
De quem vai, como Ashavero,
Atraz do jardim sonhado,
Da fugitiva ventura,
Que sempre embalde procura !

Que tristesas o consomem
Ninguem sabe, ninguem diz...
Traz mysterio aquelle hemem !
Chegou e... de que paiz ?
Parte... e para onde é que parte ?
Ai ! que segredo profundo !
Vem de correr todo o mundo
E vai para qualquer parte...
Serve-lhe qualquer azylo,
Qualquer sombra e qnalquer tecto,

Qualquer cidade ou montanha !
Sempre no rosto tranquillo !
Sempre o coração inquieto !
Vistes desgraça tamanha ?

Chamam-lhe—o sabio—n'aldea.
Escutam-n'o os camponezes,
Tomados da reverencia
Com que nas almas singelas
Vão echoar as procellas
De caudal eloquencia.

Louco alguém lhe chamaria,
Contemplando-o abrasado
N'aquella philosophia,
Que só tem um desgraçado...

Desventura, és um mau livro !
A turba doida que passa
Não comprehende a desgraça
D'essas paginas maldictas...
Palavras, que estão escriptas
No livro da desventura,

Só as lê, só as entende,
Só as pensa e comprehende
Quem nada deve á ventura...

Para entender-te é preciso
Que o sol nos derreta as azas,
Ter perdido o paraíso,
Caminhar por chão de brasas,
Não ter a luz d'um sorriso,
Não ter o brilho d'uns olhos,
Perder o dia que passa,
Dormir em leito d'abrolhos...
E's um mau livro, desgraça !

Ricardo era bom. Se o era!
E havia n'aquella fronte
A limpidez do horizonte
N'um dia de primavera
Era bom... Como elle amava!
Quanto amor um peito encerra
N'estas paragens da terra
Todo tinha e todo... dava!
Se algum pequeno desgosto
Vinha escurecer-lhe o rosto

Com véo de melancolia,
Logo passava a tormenta
E sereno adormecia
No collo d'um anjo amigo
Onde sonhava esperanças
A' sombra d'aquellas tranças
Longas, negras.—Doce abrigo!

Era aberto o paraizo
De par em par,—todo aberto!
Limpo o ceu; ao longe e ao perto
Nem um vapor indeciso!
Tudo em paz...

E de repente

Agglomeram-se uma a uma
As nuvens da tempestade.
Cresce a mais e mais a bruma
E cerra-se a escuridade!

Ella, a dos cabellos negros,
A moça alegre e formosa,
Assim como pende a rosa
E como o lirio se inclina,
Desmaiando a cor mais fina.

Que Deus á petala deu,
Assim desmaiou, pendeu...

Ricardo veláva ao leito
Toda a noite e todo o dia.
Affagava-a, se dormia,
Se não dormia, fallava
De ventura e d'esperança,
D'amor, de felicidade,
Do santeimo da bonança,
Que se segue á tempestade.

Mas um dia ella fitara-o
Com os olhos tristes, baços.—
Encostou-se-lhe nos braços,
Ficou-se a olhal-o esquecida...
Juntam-se os labios n'un beijo
Que era o ultimo e primeiro
E foi n'esse beijo... a vida!
Ella... fria, adormecida.
Elle... viuvo enfermeiro...

.....

Desde esse dia Ricardo
Por toda a parte a procura.
Caminha de serra em serra,
Sem que torne a vêr na terra
Quem vive na etherea altura...

III

O DESCANTE

Debatem e na porfia permanecem.

CAMÕES—*Lus.—Canto I*

Divulgada a porfia, approximam-se de Duarte e Ludovina, que estão ainda sentados no parapeito da eira, algumas raparigas. Seguem-n'as os namorados.

PRIMEIRA RAPARIGA, dirigindo-se a Ludovina.

— «Vergonha das bailadeiras!
Ficas-te ahí descansada,
Como se fosses casada!
O bailar é das solteiras...
E tu que bailavas tanto!
Pesam-te grandes canceiras!
Deu-te algum ar de quebranto...»—

SEGUNDA RAPARIGA

Bom quebranto, bom enguiço
O que vem do coração...
Falta-nos cá o derrigo...
Já não agrada o serão !

TERCEIRA RAPARIGA

Olha o Duarte! o coitado,
Por se vêr desamparado,
Chegou-se a ti, Ludovina!
Leve o diabo os amores,
Que são doença mofina
E dão quebranto aos joelhos!
Vem tu bailar, bailadeira!
Vem tu cantar, cantador!
Deixaes o descanso aos velhos
E deitai fóra a canceira
D'essas tristezas d'amor...»—

LUDOVINA

—«Errastes nos pensamentos!
Mal sabeis por quem aguardo...
Espero o senhor Ricardo,

Que foi d'aqui, ha momentos,
Comprimentar a morgada.
Hoje ha festa no castello,
Mas tal festa não lhe agrada.
Ninguem poderá detel-o
N'aquella sala acciada.

PRIMEIRA RAPARIGA

—«Que lhe dirás pela noite?
Bem podes vêr que é dureza
Conversar das nossas magoas
Com quem padece tristeza...»—

LUDOVINA

Sim. Mas o caso é diff'rente.
Quero eu que elle me diga...

SEGUNDA RAPARIGA, atalhando-a

Que és bonita rapariga
E que tens o noivo ausente !

(Ricardo volta do castello; cercam-n'o as raparigas).

RICARDO, ás raparigas

—Bravo ! bravo ! minhas fadas !
Se eu me fôra serandeiro
Dar-vos-ia o mundo inteiro
Por vos ter por namoradas !
Sim ! que enfeitiçaes d'amor,
Tão secias, tão aceiadas !

VOZES DAS RAPARIGAS

—Senhor Ricardo !
—Senhor !

RICARDO

Estaveis talvez ás voltas
Com a nossa Ludovina ?
Pois faltar-lhe no serão
O seu gentil mocetão
E' triste, pobre menina !
E o bom Duarte, coitado,
Soffre da mesma tristeza...
Que emfim é grande a dureza
De faltar ao namorado !

UMA DAS RAPARIGAS

Vinhamos todas chamal-os.
Muito nos peza, Senhor,
Que não baile a bailadeira,
Que não cante o cantador...

LUDOVINA a RICARDO

Sim, eu vou. Mas desejava
Ouvir-vos, Senhor...

RICARDO

Pois bem.
Mal seja a festa acabada,
Quem fôr moça e namorada
Não fuja e oiça tambem.

LUDOVINA a DUARTE

Duarte, pois que és teimoso,
Provêmos forças e brio...
Afina a tua viola,
Cantemos ao desafio...
Aceitas, Duarte?

DUARTE

Acito.

VOZES DAS RAPARIGAS

Bravo !

Descante perfeito !

(Sentam-se Duarte e Ludovina; raparigas e rapazes fazem-lhes círculo. Ricardo fica, de pé, a pequena distância. Duarte acompanha e Ludovina começa.)

LUDOVINA

Chamas bonitas ás loiras,
Que têm a côr da 'çueira ?
Se as loiras são descoradas,
Sempre tem côr a morena...

DUARTE

Rapariga, não desfaças
Em quem tem cabello loiro.
Vê tu que também desfazes
Na côr dos teus brincos d'ouro...

LUDOVINA

Os brincos custam dinheiro;
Não valem nada os cabellos.
Mondo as tranças á thesoira
E os brincos morro por tel-os...

DUARTE

Bem loiro é o sol, Ludovina,
Quando do cimo do monte
Desperta o enxame que dorme
Nos rozaes de ao pé da fonte...

LUDOVINA

Bem negro é o fundo das aguas,
Que o mar traz encapeladas...
Não sabes quantas riquezas
No fundo do mar guardadas!..

DUARTE

Não ha riquezas que paguem
Um cabello ondado e loiro,

Quando a gentil lavadeira
O solta no lavadoiro.

LUDOVINA

Ai um cestinho de tranças
Negras e postas com graça...
Nas tranças flôres do monte,
No seio o lenço de cassa...

O TIO LEONARDO, interrompendo

Cachopas, d'aqui a nada
Vai cantar a cotovia.
Eia, a pé, raparigada,
Eia, a pé, que nasce o dia.
Nem só bailar e cantar !
Em quanto dura a folia,
Fica a dormir o tear.

No meu tempo as serandeiras
Bailavam todo o serão.
Noites passadas nas eiras,
Que bellas noites que são !
Mas mal que o sol era nado,
Outra vida, outro cuidado!

(Saiem das janellas do castello sons de piano, preludiando uma valsa. Ricardo parece comover-se e affasta-se lentamente. Alguns camponezes reparam n'isto.)

VOZ D'UMA RAPARIGA

Rompe a dança no castello
E rompa tambem no eirado.
Baile quem fôr namorado,
Seja feliz quem bailar...
Tambem as folhas do alamo
Bailam, quando sopra o vento,
Sejamos folha um momento...
E' divertir, é folgar...

O TIO LEONARDO, resmoneando.

Adeus safra, adeus tear !
Vai-se a lavoira perdida
Com esta sorte de vida...
Bailar, bailar e bailar !

IV

ENTRETANTO

...era o desventurado
que lhes dava tal cuidado...

THOMAZ RIBEIRO—*D. Jaime.*

Bailam rapazes e raparigas. Ricardo, a distancia, monologando, impressionado pelos sons do piano, que lhe despertam recordações dolorosas.

RICARDO

Ouvi-a muita vez... Lembro-me tanto
D'essas noites d'automno, á beira mar...
O' noites de prazer, noites d'encanto,
Já eu não tenho amor, nem vós luar.

Suspirava o piano uns ais cadentes,
Que me vinham trazer palavras *d'ella...*

O que eu então senti, ó sons plangentes,
Revele-o ceu e mar,—a onda, a estrella.

O' triste, ó dolorosa melodia,
Não te comprehendi, saudoso adeus.
Eras a voz d'um anjo que partia,
Deixando a terra por voar aos ceus...

Calai-vos, sons alegres que eu escuto,
Depois que *ella* morreu, não ha ventura.
Calai-vos, que a mudez pertence ao lucto,
Ou modulai um canto d'amargura.

Calai-vos, pois, revoltas alegrias,
Não vos sei entender, não vibreis mais...
Vede que sois crueis, ó melodias,
Vede que choro, enquanto vós passais...

(Approximam-se duas raparigas; param a pequena distancia fallando de Ricardo, que esconde o rosto entre as mãos. Esmorece o piano.)

PRIMEIRA RAPARIGA

Este homem tem mysterio,
Que lhe dá grande desgosto...
Masinda assim é bonito,
Sendo pallido do rosto.

SEGUNDA RAPARIGA

E os olhos negros—que lindos!—
Fallam tanto ao coração...
Eu gosto dos olhos negros...
São da eôr da cerraçâo.

PRIMEIRA RAPARIGA

E as barbas longas, as barbas,
Ficam-lhe a elle tão bem!
Repara tu, Miquelina,
Que lindas barbas que tem!

SEGUNDA RAPARIGA

Deixemol-o embevecido
N'aquelle scismar saudoso.

Mal peccado, que tal homem
Não nascesse venturoso...

(Affastam-se as duas raparigas. Ricardo continua monologando).

RICARDO

Rosa, pendeste; estrella, desmaiaste;
Pomba, fugiste; perola quebraste...

Visão d'uni sonho, dessipou-te a aurora...
Não vês quem por ti sofre e por ti chora.

Não mais voltaste a procurar no mundo,
Quem se perdeu em pelago profundo...

Ficaste absorta na sydereia altura
Onde não chega a voz d'a creatura...

(Approximam-se dois namorados).

A RAPARIGA oferecendo ao noivo um botão
de laranjeira.

Fui ao pomar do castello
E colhi a laranjeira,
Que enfim a moça solteira
Acha bonita esta flor...
Não ha presente mais lindo,
Mais doce e mais delicado
Para dar ao namorado...
Recebe-a tu, meu amor.

O RAPAZ, respondendo.

Minha noiva, meus amores,
Linda flor que tu me déste!
Bem hajas, porque soubeste
Escolhel-a entre outras flores.

Tem fé e crê, minha rosa,
Mal que seja um mez passado,
Hasde vel-a inda viçosa
Na grinalda do noivado.

Depois as tuas amigas,
Sendo moças e solteiras,
Depenham as laranjeiras...
Sei o que são raparigas!

Que nasçam botões a rodos
E verás com que canceira
Hão de ser colhidos todos
Por qualquer moça solteira...

Vê tu que divertimento!
Ao ver-nos sahir da igreja,
Todas raladas d'inveja
Pelo nosso casamento...

Verás. Hão de ir apagar-se
Co'o santo casamenteiro.
Mas ninguem pôde gabar-se...
Nós é que fomos primeiro.

LUDOVINA, caminhando para Ricardo, responde,
ao passar, ás ultimas pa'avras.

Irei eu, iremos todas
Deitar-vos flôres á igreja.
Quero mostrar-vos nas bodas,
Que me não ralo d'inveja...

O RAPAZ, chamando-a

Ludovina! Ludovina!

A RAPARIGA

Que Deus oiça a prophecia...

O RAPAZ, sorrindo-se e ficando a olhar para
Ludovina, que se affasta.

Não ha maior zigue-zigue
No cêrco da freguezia!

LUDOVINA, approximando-se de Ricardo e des-
pertando-o.

Éstaes, senhor, obrigado
A pôr treguas á porfia.
D'aqui a pouco é sol nado...
Vamos, senhor, rompe o dia.

V

A VICTORIA

...triumfo eterno !

CASTILHO—*Ciumes do Bardo.*

(Ricardo sentado. Raparigas e rapazes em redor).

RICARDO

Ninguem entre vós, meus filhos,
E' de tamanha ignorancia,
Que entre as memorias da infancia
Não tenha a recordaçao
D'ouvir lêr no livro santo
Algum camponez instruido,
—Velho Mentor do serão.

Recordações de criança
Não vos terão esquecido.

Creou Deus o ceu e a terra.
—Diz o texto.—E fez-se a luz,
Que vivifica e dá graça
A quanto a terra produz...
Depois veio a creatura...
Quiz Deus e o homem nasceu.
Está Deus na immensa altura
E quiz pôr Adão no meio
D'esta distancia infinita
Que separa a terra e o ceu...
Foi então que o homem veio.

Eil-o o homem... Preso ao mundo
Pelo barro; o lixo é immundo.
Mas ligado á divindade
Pela essencia,—o sopro ethereo.

D'um lado a essencia,—mysterio...
D'outro o lixo,—humanidade.

Depois de creado o homem,
Veio a mulher,—a candura,
O mimo, o encanto, o amor,

A suavidade, a mistura
Do barro da creatura
Co'as graças do Creador.

Quiz Deus, que é Pai na brandura,
Circundar a meiga fronte
D'Eva—a primeira mulher—
Com as chammas do horizonte,
Co'a luz do sol ao nascer.

Veio a noite e não trazia
Esse esplendor das manhãs.
Porque a saudade e a noite
São como duas irmãs...

Que doce melancolia
Nas sombras da solidão!
Que descanso e que magia
O' noite, na escuridão!..

A noite é para os amores,
A noite é para o mysterio...
Erguei, ó moças formosas,

Vossos olhos tentadores,
Banhai-os no encanto ethereo
De mil estrellas saudosas.

O' noite, escondeas as dores,
Noite, adormeceas as rozas...
Noite, és irmã dos poetas...
Trazes consolo e orvalho.

O dia é das borboletas,
O dia é para o trabalho.
Bem hajas, noite querida,
Que és descanso, após a lida!

Quiz Deus que o encanto da noite
Fosse tambem da mulher...
Quiz e bastára querer.
Circundara-lhe a cabeça
Com a coma negra, espessa,
Irmã da noite na cor...
E á mulher das tranças negras
Deu-lhe o geito seismador,
O encanto, a melancolia,
Menos alegre que o dia,
Mais que o dia seductor...

E' ditosa a moça loira,
Pois reparte os seus cuidados
Pelo lidar da lavoira
E pelos mil conversados,
Que segredam galanteios,
Como faunos namorados,
De traz dos verdes esteios...

Moça loira, és inquieta...
Fadou-te Deus borboleta.

Tu, que tens as tranças negras,
Boa amante e boa filha,
Que como a Samaritana
Vaes encher a tua bilha,
Sem que da fonte á cabana
Penses em outro pastor...
Tu, moça das tranças negras,
Vives só do teu amor...

Veneeste tu, Ludovina,
Tu, a dos negros cabellos.
Mostra-me bem os teus olhos,
Que são languidos e bellos...

Deixa-me vêr o passado
N'esse esplendor que é dos ceus...
E vós, ó loiras donzelas,
Perdoai-me. Agora... adeus.

(Ficam todos silenciosos e como que embevecidos a olhar para Ricardo, que se affasta vagarosamente. Depois ouve-se a distancia a voz saudosa de Ricardo entoando esta canção:)

Rosa, que na agua revolta
Cahiste, onde é que tu vaes,
Sem norte e girando solta,
Saudosa dos teus rosaes?

Folha, que o vento despega
E arrasta no turbilhão,
Quando serena a refrega?
Onde te leva o tufão?

Sois como eu. Vossas magoas
São irmãs da minha dor.
Rosa, vais solta nas aguas,
Tu, folha, vais como a flor...

Eu vou como vós.—Sem guia,
A' mercê dos vendavaes.
Folha e rosa, quem diria
A um de nós: «Onde vais?»

(Esmorece a voz. Começam a apagar-se as luzes nas salas do castello. O clarão da madrugada purpurea o oriente. Os camponezes velhos dão voz de debandada. As raparigas loiras deixam-se ainda ficar tristes e pensativas.)

O TIO LEONARDO, dirigindo-se a elles.

Ficaes ahi, preguiçosas?
Ai que vos tolhe o quebranto!
Não haveis de bailar tanto
N'outro serão, minhas rosas...

LUDOVINA, approximando-se de Duarte.

Dize, Duarte, teimoso,
Quem venceu? Dize, rapaz...
Bem sei que tu és brioso,

Mas não vás triste, não vás.
Dá ao demo as tuas dores...
Olha bem que és namorado
E quem tem vida d'amores
Traz todo o tempo contado.
Adeus, que mal vai a vida
A quem mal começa o dia...

A distancia, chamando Duarte.

Olha, não digas á Guida,
Quem venceu n'esta porfia...

DA POESIA BUCOLICA

(ANTIGA E MODERNA)

ESTUDO PARA SERVIR DE *POST-SCRIPTUM*

AO POEMETO

PORFIA NO SERÃO

Lá vai para não voltar talvez o tempo em que houve n'aldea singeleza de costumes e simplicidade de pensamentos. D'antes a povoação rustica era feliz, porque era ignorante, desambiciosa e amiga. Na sementeira ou na colheita, no serão ou na romaria, no folguedo ou no trabalho, sempre os cantares rudes do campo iam despertar os echos saudosos no reconcavo dos valles. Tudo era alegria nesse tempo. Aves e homens aprendiam, em communidade, suas musicas. Nem as aves fugiam dos homens nem os homens afugentavam as aves e então era muito para invejar a vida tranquilla d'aldea, defesa ás ambições mundanaes, em quanto o ar vinha cheio do murmurinho dos passaros na ramagem e do cantar dos pomareiros, na safra. No trabalho, o povo era activo e cuidadoso; ao despegar da tarefa, alegre e divertido.

No dia da festa do orago, quando sahia a procis-

são dos cyrios, as raparigas deitavam loas, até ao recolher da religiosa peregrinação. Depois, trancada a porta da igreja, bailavam no terreiro do adro ou na eira do mordomo da festa, que era um lavrador rico do sitio.

A primavera, o estio e ainda muito do outomno era o tempo da folia, dos bailharicos e dos cantares. Que alegria pelas vindimas, quando o mosto fervia na adega e tinha sido anno de fartura! Chegado o dezembro, era preciso invernar. Então vinham as noites de serão á lareira. Mudavam-se os papeis. As raparigas passavam a noite a fiar e as avós octogenarias, patriarchalmente reclinadas no priguiceiro, contavam historias d'avejões e de moiras encantadas. Eram todos creados com esta educação e já os mocinhos da eschola cresciam alegres, mas não desenvoltos, como hoje. Perdeu-se, mal peccado, esta vida verdadeiramente biblica das aldeas e, quando a *reforma* lá chegou, os sabios da cidade disseram—*progresso*—e as octogenarias novelleiras dos serões gritaram—*destruição*—.

Destruição era, em verdade. Mudaram-se os costumes, as crenças, as tradições e até os pensamentos. Os pensamentos, sim, que nasciam eivados do contagio da cidade! Cada ceifeira d'aldea pôz, desde então, todos os seus cuidados em macaquear os biocos d'uma dama d'honor em sarau de corte. Perdida a feição caracteristica, nem pastora nem senhora, nem o que era nem

o que desejava ser. Não mais se bailaram danças d'aldea nos serões. Grande foi o diluvio e nas aguas revoltas se affogou a individualidade primitiva da povoação rustica e ainda o que era d'ella e d'ella vinha como consequencia—a poesia postoril. Uma e outra se perderam e grande magoa nos deve trazer esta dupla perda. Foi Portugal notavel nos fastos litterarios do mundo pela sua poesia bucolica, que, nascida da indole poetica da nossa gente do campo e da suavidade de seus costumes, medrava a olhos vista por condão do terreno e mercê de Deus, em tão ameno clima. Parecia que semelhante poesia procedia, permitta-se-me a phrase, da traducção do que o homem lia no livro da natureza, se é que não andava solta no ambiente para ser absorvida com o ar atmospherico, em grande copia e tão pura como elle. Nascida, pois, esta poesia com tantas esperanças e tão boas disposições para larga vida, robusteceu-a ainda, como se precisara de vigor, *a natural suavidade do idioma portuguez, a melancholia saudosa de seus numeros.* (1) Esta mesma consideração faz o snr. Theophilo Braga (2) quando diz que o canto popular *nasce da metrificação natural do genio rythmico da lingua.*

Foi Bernardim Ribeiro o primeiro que poetou

(1) Garrett—Bosquejo.

(2) Cancioneiro e romanceiro geral port. 1.^o vol., pag. 75.

amenidades e amores do campo e que poz em escriptura o que andava ná alma do povo, no canto das aves, no rumorejar das florestas, em tudo o que era naturesa sem mescla. Ameno era o thema de seus cantares e para que sobrasse suavidade á poesia da sua lyra, nascera o poeta fadado para desventuras d'amor. O cantar de Bernardim Ribeiro era um *suspirar de saudade, d'aquelle saudade cujo poeta foi*, como diz Garrett.

Começa a litteratura portugueza a tomar grandes alentos no reinado de D. Manoel e com o florejar da nosa litteratura principia o cyclo brilhante da poesia bucolica. Vinham fadadas uma pára a outra, juntas deviam viver, cantar e morrer. Não haverá porem de acontecer assim, por desgraça nossa, se os bons ingenhos d'hoje e os d'amanhã e os de sempre não olharem de melhor sombra para a pobre poesia pastoril. Até Bernardim Ribeiro a poesia portugueza soltava as primeiras notas do seu futuro cantar vibradas na lyra d'un rei, que foi trovador e na de mais alguns poucos portuguezes, que tambem versejáram. Depois de Bernardim Ribeiro, cresce, modula e como que se namora de si mesma a nossa litteratura.

N'um estudo, ainda que imperfeito, como este, da poesia pastoril portugueza, não podíamos deixar de parar deante de Bernardim Ribeiro, rouxinol saudosissimo, cujos modilhos foram esentados e repetidos em terras

de Hespanha e Portugal, como modelos para poetas d'uma e outra côrte.

Depois de fallarmos do desventuroso amador de D. Beatriz, não sobra tempo para fazer menção especial de Sá de Miranda, cujas composições n'este genero são frias, no dizer de Garrett, talvez por se entregar mais ao estudo dos modelos classicos, sobre tudo aos da eschola italiana, do que á deliciosa contemplação da natureza e dos costumes do nosso povo. Somos chegados a Camões e traz do nosso desejo nos deixariamos ir a falar d'elle, se não fôra pretenção ridicula o medirmos armas com tamanho gigante, que tão fadado nasceu para as branduras da frauta campesina como para os arroubos da tuba viril da epopea. Deixemos, pois, o semi-deus no altar da sua gloria para apontarmos o nome de Diogo Bernardes, que suavemente se desenfadou das asperezas da vida com o trato amigo dos pastores do Lima.

Segundo nota Ferdinand Denis, dizia Lope de Vega que tinha aprendido a poetar bucolicas nas maviosas pastoris de Diogo Bernardes. D'outro poeta, Rodrigues Lobo, o mesmo poderam dizer escriptores estrangeiros, se muitos não increpassem a miude o amor que nós, os portuguezes, mostramos ter por este genero de poesia. Deixal-os fallar a elles, que são estranhos e não respiram do nosso ar nem nasceram para a simpleza de

nossos costumes nacionaes. Que nos não chamem effeminados, por isso.

Sismondi, um dos que mais nos censuram esta predilecção, escreveu que os portuguezes não admittiam se não dous generos de poesia: a epica e a bucolica. Quer isto dizer que tinhamos por cá quem soubesse cantar e bem as glorias proprias e desenfadear-se da faina das conquistas nas amenidades da patria. Eram os portuguezes guerreiros e pastores, talhados para espada e cajado. Cuido que não ha motivo para censuras.

Rodrigues Lobo é o verdadeiro pastor-poeta, o ingenuo cantor dos amores aldeãos, dos jogos campezzinos, das bellezas da natureza e da honrada vida das serras. As suas canções são incomparaveis e quer-me parecer que a prosa d'este poeta é uma serie de canções não metrificadas, tanta e tamanha brandura encerra. Abundam nas suas composições as brigas pastoris, as porfias ao serão, que conservam as tradições da boa poesia bucolica dos tempos primitivos. Escreve Fernandes Pinheiro, no seu=*Curso elementar de litteratura*=, que «o certame dos pastores fôra talvez uma das primeiras fórmas da poesia nativa.»

Ao despedirmo-nos de Rodrigues Lobo, digamos adeus á poesia pastoril e á boa poesia e linguagem portugueza, até que, decorridos annos, sejamos chegados a fallar de Quita. Com a reforma da universidade de

Coimbra e com a fundação da *Arcadia Ulysiponense*, alvoreja de novo para as letras patrias o esplendor, quasi extinto, da sua antiga gloria.

Domingos dos Reis Quita é um poeta bucolico notavel. Não topei ainda critico que justa ou injustamente o aggredia.

Pato Moniz declara não conhecer nada superior á tragedia pastoril = Licore = senão a = *Aminta* = de Tasso. Corre-me obrigação de escrever agora o nome de Gonzaga, poeta portuguez, que viveu largo tempo na Bahia, o que deu logar a que os brasileiros nos disputassem a naturalidade d'este poeta. Thomaz Antonio Gonzaga é o pastor namorado de Marilia. As suas lyras são d'uma maviosidade inexcedivel. Garrett, fallando d'este poeta, põe as seguintes palavras: «Quizera eu que em vez de nos debuxar no Brazil scenas da arcaidia, quadros inteiramente europeus, pintasse os seus painéis com as cores do paiz onde os sitiou.» Quer-me parecer justa semilhante accusação, a unica que se pôde fazer, com justiça, a poeta como Gonzaga. A popularidade da=Marilia de Dirceu=dispensa quaesquer commentarios. Esta obra corre vertida em quasi todas as linguas.

Abordamos agora a epocha tão proxima de nossos dias, que julgamos quasi ocioso o fallar de Boeage e de seus idyllios, alguns dos quaes não recendem a verda-

deira suavidade da poesia bucolica, posto que pompeiem uma forma correctissima.

Domingos Maximiano Torres é poeta pastoril de notavel merecimento. Foi grande admirador das obras de Quita e, segundo dizem, visinhou, com proveito, de Francisco Munoz. Maximiano Torres é o Alfeno Cynthio da nova Arcadia. São bastante conhecidas as suas eclogas e não devo deixar de citar aqui a que tem por titulo=*Os pomareiros*. Assistamos agora respeitosos ao paroxismo da eschola classica para saudarmos com entusiasmo a nova aurora litteraria, que vem arraiando no horisonte da patria.

Depois que o visconde d'Almeida Garrett deitou pregão de romantismo em Portugal e deu baixa ás *ficções rissonhas da culta Grecia* com a publicação da *D. Branca*, ouviu-se em todo o reino o martelar dos novos obreiros na incude sonora da moderna litteratura. Grande foi a revolução romantica realisada, em tão pouco tempo, apesar de ter que desbancar as velhas tradições litterarias e vencer o espirito ramerraneiro da poesia portugueza. Philinto Elycio tinha dado o plano; o visconde poz hombros á execução. O caso é que Portugal saudando, pouco depois, o vulto gigantesco d'Almeida Garrett, correspondia ao entusiasmo com que a França applaudia Chateaubriand, Lamartine e Victor Hugo, a Inglaterra Byron e Moore, a Allemanha Schiller e Goethe.

the e presagiava o alvoroço com que o Brazil havia de receber a revolução litteraria devida a Gonçalves de Magalhães, o reformador d'além-mar. Então a poesia portugueza tomava nova bussola e mirava a novos e esplendurosos horisontes. A reforma estava, pois, realisada.

Os tempos e os costames tinham mudado muito desde Bernardim Ribeiro até Garrett e a poesia, que hade ter sempre a feição caracteristica da epocha que canta, era outra e muito outra tambem. Pelo que diz respeito á poesia bucolica, é de notar que o pastor tinha desrido o já velho pellico e deposito o cajado com que juntava as rezes do rebanho. Andava o ovelheiro nas serras a pastorear o gado, é verdade, mas vinha entrando ao gosto do seu tempo e não envolto nas pelles que seriam anachronicas então. Tinha mudado a poesia bucolica, porque a aldea estava mudada mas não depravada como hoje. Havia ainda festas ruraes e desfolhas e feiras e serões para cantar.

A poesia occupou-se então das usanças, das cren-dices, da vida campestre, n'uma palavra, e, levada pelo instincto do bello, foi desentranhar d'aldea o quasi per-dido thesouro da poesia popular.

Muitas erão as trovas que se ouviam nos serões, por isso que o povo d'aldea é o unico que canta e as que se não ouviam, estavam archivadas, com pequenas va-riantes, na memoria dos camponezes idosos. Desenterra-

ram-se os velhos cancioneiros, cotejaram-se com a tradição oral, procuraram-se novas trovas, apareceram muitas, organisou-se finalmente o decameron popular.

Surgiram na litteratura portugueza novos idyllios e os pastores, que ahi appareciam, cantavam e fallavam tambem, mas nem cantavam e fallavam as simplesas de Bernardim Ribeiro nem o bucolismo alambieado do seculo XVII. Os pastores da nova eschola cantavam seguidilhas populares como era dever e fallavam a linguagem pitoresca d'aldea, sem denegrirem a verdade.

Estavam as coisas n'este pé, quando as discordias intestinas, as luctas civis, o despreso das crenças religiosas ou o que quer que fosse trouxe ás cidades a immoralidade, cuja repercussão se fez sentir nas aldeas. A povoação rustica tornou-se desbragada e por conseguinte triste. A perdição tem um que d'attracção que embriaga. E' o caso do *abyssus abyssum invocat*. As camponezas propenderam para as inclinações derrancadas da povoação urbana e alteraram os costumes, as crenças, as tendencias naturaes e até os pensamentos, como eu já disse.

Não deitem a culpa á reforma litteraria.

Criminem com justiça o espirito immoral e heretico, que se desenvolveu na Europa e foi e hade ir crescendo de foz em fóra, traz da sua maldade, se ninguem lhe pozer diques. Aceitamos o progresso quando val o mesmo que melhoramento. mas rejeitamos a palavra e a

ideia, quando significam=depravação. = Tamanha tem sido a convulsão social, n'estes annos proximos, que já ameaçou desmoronar a mesma litteratura. Serviam de alavancas uns maus livros de má doutrina acepilhada de bonitos conceitos e sonorosos versos. E' preciso defrontar com o inimigo e começar pela educação popular. Para a aldea, ponhamos em chronica os seus costumes, taes quaes foram e deveram de ser ainda, dando com isso estímulo e correção á povoação derrancada. Para as cidades, devemos pedir escholas de boas letras e bons mestres e assim conseguiremos que a nova geração não venha a corromper o povo aldeão quando esteja convalescido, á custa d'innumeros sacrifícios.

Desenvolva-se com entusiasmo o amor pela agricultura para que a cidade dependa d'aldea; e, para que o povo do campo seja alegre, convidemol-o ao trabalho, que despresa. A mulher =digamol-o com franqueza= muito pôde operar, se quizer, n'esta regeneração de costumes. Madame Campan disse d'uma vez a Napoleão que para melhorar a educação do povo era preciso fazer mães. Esta mulher notável apontou aos futuros philosophos o verdadeiro caminho da salvação social.

A philosophia nem sempre hade andar a esgrimir no ar para vencer os grandes problemas metaphisicos, cuja nebulosidade me quer parecer impenetravel. Deve popularisar-se, entrar no sanctuario da familia e no re-

cinto da officina, deve fallar ao coração mais ainda do que á cabeça. Paulo Janet e Aimé Martin comprehenderam bem o verdadeiro dever da philosophia moderna. Discretamente escreveu o nosso bom mestre e amigo o snr. A. F. de Castilho: (3)

« Ao lavrador, ao mestre de meninos, e á mestra de meninas ainda mais, é que só podemos pedir com muita confiança uma regeneração profunda, séria e cabal; regeneração dos haveres; regeneração dos costumes; regeneração das forças; regeneração da alegria e das esperanças que tão perdidas nos andam...»

Pondo de parte a indispensavel protecção do governo e a plena adhesão do paiz, quer-me parecer que depois da mulher se deve collocar o escriptor. Já fallei do philosopho, agora refiro-me ao romancista e ao poeta. «O tom e o espirito verdadeiro portuguez, escreve Garrett, esse é forçoso estudal-o no grande livro nacional, que é o povo e as suas tradições e as suas virtudes e os seus vicios e os seus erros.» (4)

Este mesmo escriptor, quando no seu *Bosquejo* dava noticia das=*Georgicas*=de Mosinho de Albuquerque, lamentava que em tão importante trabalho não merecessem justo logar as festas ruraes e as costumeiras populares.

(3) *Arquivo rural*, n.º 5, outubro de 1869.

(4) Introd. ao seg. vol. do—*Romanceiro*.

Cabalmente satisfez a este desejo de Garrett o snr. Alexandre Herculano nas=*Lendas e narrativas*,= nomeadamente no=*Parocho d'aldea*.=Do snr. Castilho não ha fallar a tal respeito. Este distinco escriptor, com ser entusiasta pela musa grega e romana, morre-se d'amores pelo que é nosso, pelo que é nacional, natural e verdadeiramente portuguez.

Não deve esquecer aqui o nome do snr. Palmeirim, o mais conhecido dos poetas contemporaneos entre o povo. A maior parte das suas composições populares são firmadas em costumes e tradições do campo.

O já fallecido Lopes de Mendonça, escrevendo dos versos do snr. Palmeirim, principia da seguinte maneira : «A poesia, em todos os paizes, revela-se ao talento debaixo de certas condições de nacionalidade, porque a litteratura é tanto mais fecunda, quanto melhor as suas raizes profundam na solo da patria.»

E' esta uma verdade muito para ser meditada e primacialmente a comprehendeu o snr. Palmeirim.

Rodrigo Paganino foi um verdadeiro talento inspirado das scenas da natureza, dos costumes populares, da vida serena e tranquilla das aldeas. Os = *Contos do tio Joaquim* = formam o mais bonito livro que n'este genero possue a litteratura moderna.

Os que vivem na cidade, costumados ao bulicio das praças e á procella da vida urbana, não devem lêr

o livro de Rodrigo Paganino, porque o não supportam nem entendem. O que nasceu fadado para a suave contemplação da natureza campestre, *ruris amator*, esse leia-o, que para esse foi escripto.

O nosso benevolo patricio o snr. Gomes Coelho briosa mente sustenta as tradições litterarias de Rodrigo Paganino. As=*Pupilas do snr. reitor* e a=*Morgadinha dos canaviaes*=são verdadeiras chronicas d'aldea, que recendem o perfume agreste mas suave da madre-silva modesta. Muito a sabor nosso nos deixariamos ir faltando d'estes dois livros, se o largo estadio da prosa recamada das boninas do idyllo nos não fosse defezo n'este estudo de poetas bueolicos.

O snr. Thomaz Ribeiro, nosso mestre e amigo, tem justos direitos a um dos mais distintos logares n'esta acanhadissima galeria. Nasceu s. exc.^a para as amenidades campesinas do seu torrão natal. Inspiraram-n'o as suas arvores dilectas, que offereciam ao nobre trovador boa sombra para poetar idyllios. Inspirado, afinou a sua lyra pela voz duleissima dos rouxinoes, que porfiam á desgarrada nas margens do *Pavia*, em noites de primavera.

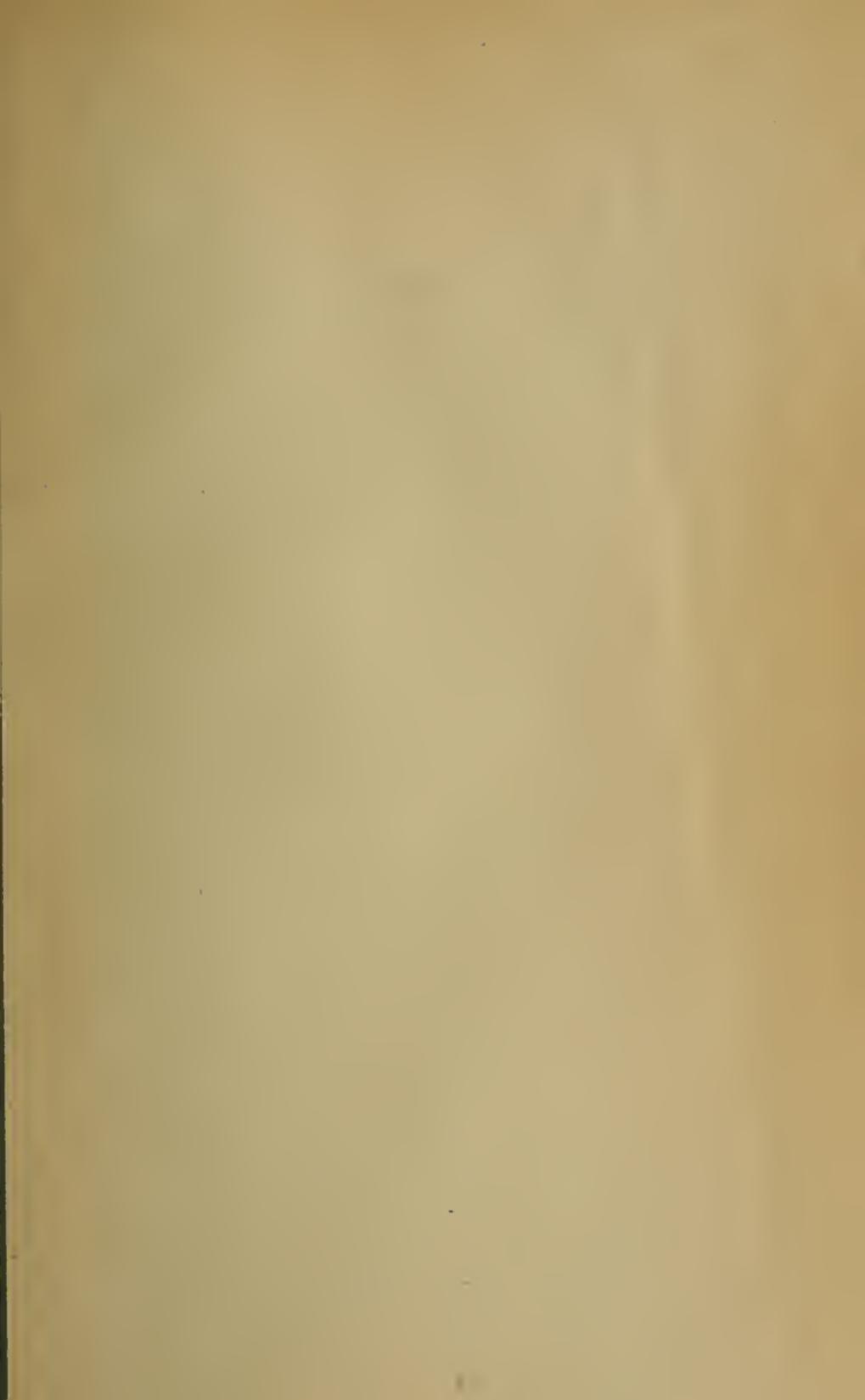
O=D. Jaime=é todo da aldea ou antes e como diz o seu proprio author, *beirão dos quatro costados*. O primeiro canto, nomeadamente, tem a doçura ineffavel d'um conto de Rodrigo Paganino posto em verso.

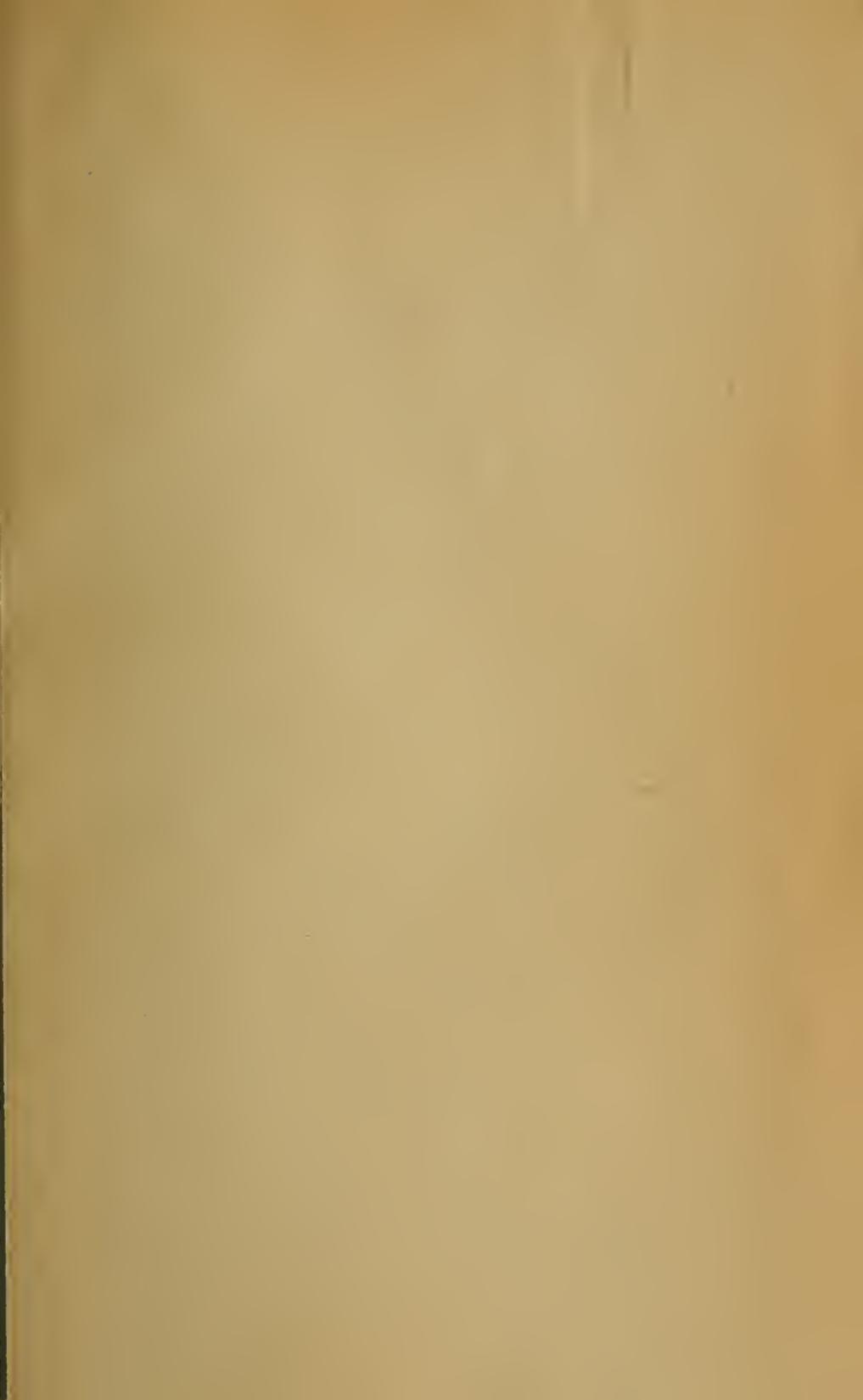
A=*Delphina do mal*=pregoa ainda a mesma naturalidade do=D. Jaime.=O poeta não quiz sahir para alem da area onde tinha gorgeado os mais doces versos da sua primeira epopea campestre.

O snr. Theophilo Braga tem consagrado muitas horas do seu constante trabalho á sempre abundante colheita das trovas populares. Temos já cinco volumes do cancionero colleccionado pelo moço escriptor. Encarado por esta face litteraria, não podiamos deixar de citar o nome do snr. Theophilo Braga n'estas linhas, que dizem respeito á poesia bucolica moderna. E' ás almas incendidas no fogo da mocidade e da poesia, aos rouxinões e ás aguias da litteratura portugueza, que eu, obscuro obreiro, aponto o thema dos costumes populares para futuras epopeas. Duas grandes vantagens irão em semelhante trabalho. Robustecida pela litteratura a nacionalidade, sahirão verdadeiramente portuguezes os livros d'este genero. Muito mais ainda. Tenderão a renovar a simplicidade dos bons costumes nacionaes, a melhorar o povo, impellindo-o a mirar-se no espelho da sua primitiva individualidade. Não desejo que se desenterrem das ruinas da Arcadia os faunos e as driades. Entendamo-nos. Vou seguindo a marcha dos acontecimentos e entusiasmo-me pelas ideias novas sem mes-nospresar as velhas, quando ellas teem um cunho grandioso como a historia preterita d'um povo. E' occa-

siaõ de dizer aqui o que o snr. Mendes Leal me escrevia, ha poucos dias. Ahi vão, com a devida venia, as palavras do actual ministro. *A juventude é aurora e esperança; inclino-me naturalmente para ella e estimo sempre saudar as suas primeiras flores e os seus primeiros raios.* Assim é, em verdade. Cabe-nos a nós, os homens novos, fazer com que a nossa aurora retinja do alvor matinal o livro grandioso da tradição popular. Poetemos amenidades, sem anachronismos. Poesia nebulosa não a quero, que a não entendo. A minha ignorância é sincera. A poesia tem o resplendor divino da arte e não posso conceber arte sem verdade. Ao collaborador anonymo do *Aristarchos portuguez*, de 1868, que notava a minha inclinação pelo — *Rien n'est beau que le vrai* — de Boileau, dir-lhe-hei, agradecendo o obsequio de se ocupar com a minha humilde personalidade, que semelhante recriminação é justa até certo ponto. Cerro por aqui este brevíssimo estudo, incompleto como vai não só pela escacez dos meus conhecimentos como pela do espaço de que disponho. Não era um trabalho academico o que me propuz. Lembrei-me apenas de escrever um *post-scriptum* para o poemeto, que dou a lume.

FIM.







PQ
9261
P46P6

Pimentel, Alberto
Porfia no serão

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 05 14 008 0